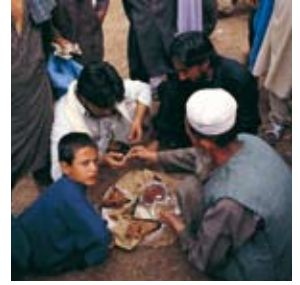


# PROMESSAS E DESAFIOS



do setor informal de alimentos  
em países em desenvolvimento





# PROMESSAS E DESAFIOS

do setor informal de alimentos  
em países em desenvolvimento

As designações empregadas e a apresentação do material neste produto informativo não implicam a expressão de alguma opinião por parte da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação no que diz respeito à situação legal ou ao nível de desenvolvimento de nenhum país, território, cidade ou área ou sobre suas autoridades, ou no que concerne à delimitação de seus limites ou fronteiras. A referência a empresas específicas ou produtos de determinados produtores, quer estes tenham sido patenteados ou não, não implica que tenham sido aprovados ou recomendados pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação em detrimento de outros de natureza semelhante que não tenham sido mencionados.

Todos os direitos reservados. A reprodução e divulgação do material deste produto informativo para fins educacionais ou outros de natureza não comercial estão liberadas sem autorização prévia por escrito por parte dos detentores de direitos autorais, desde que a fonte seja claramente reconhecida. A reprodução do material deste produto informativo para fins de revenda ou qualquer outro fim comercial é proibida sem autorização prévia por escrito por parte dos detentores de direitos autorais. Solicitações para esse tipo de autorização devem ser endereçadas a: Chief, Electronic Publishing Policy and Support Branch, Communication Division, FAO, Viale delle Terme di Caracalla, 00153 Rome, Italy, ou por e-mail a: [copyright@fao.org](mailto:copyright@fao.org)

# Conteúdo



<b>página 2 Por que devemos nos interessar pelo setor informal de alimentos</b>	
Definição de setor informal	3
Impedimentos e limitações	5
Entendendo o papel econômico e social do setor informal de alimentos	6
Trazendo status para o setor informal de alimentos: antecedentes e contexto	7
<b>página 10 Aspectos econômicos do setor informal de alimentos</b>	
Vendedores de rua, uma ocupação desafiadora	11
Vendedores de mercado	11
Pequenos restaurantes e fornecedores de refeições	12
Agricultores urbanos	13
Fornecimento de alimentos e questões de distribuição: espaço para progresso	14
Considerações sobre implicações econômicas e sua importância	14
<b>página 16 As ramificações sociais do setor informal de alimentos</b>	
Questões de saúde e segurança para consumidores	17
Quem alimenta o fogo? Questões de gênero	18
Quem ajuda? As crianças no setor informal de alimentos	18
A comida vendida na rua é nutritiva?	19
Saúde no ambiente de trabalho e questões de segurança para os vendedores	20
De onde vêm os alimentos do setor informal de alimentos?	20
Etnicidade no setor informal de alimentos	21
<b>página 23 O setor informal de alimentos trabalhando para o benefício de todos</b>	
Algumas histórias de sucesso	24
Considerações acerca de investimentos e envolvimento de ONGs	24
Associações de vendedores de mercado	26
Criando associações de vendedores de rua	26
<b>página 28 Mudando mentalidades para seguir adiante: política de apoio</b>	
<b>página 30 Referências</b>	
<b>página 33 Lista de tabelas, figuras e mapas</b>	
<b>página 33 Siglas</b>	
<b>página 34 Legendas de fotos</b>	

## Agradecimentos

O autor gostaria de agradecer a Maurizio Aragrande, José Aranguren, Olivio Argenti, Catherine Chudzia, Gina Kennedy, Shiunn-Der Kuo, Gianluca Macchi, Guy Nantel, Gisèle Yasmeen e aos revisores da FAO por sua assistência na elaboração deste trabalho. Agradecimentos também são devidos a todos os participantes da conferência virtual FAO/Universidade de Bolonha de maio de 2006, especialmente a Emanuele Cassarino, Roghaya Dièye, Roberto Gotti, Gaster K. Kiyingi, Alexandra Lewin, Gianluca Macchi, Candida Nanni, Michèle B. Paultre, Verena Raschke, Anselmo Javier Salvatierra Isaba, José Sánchez Narvaez, Peter Steele e Gisèle Yasmeen.



O setor informal de alimentos existe em todos os países do mundo. Ele tem continuado a florescer mesmo quando considerado ilegal ou oprimido pelo estado. Oferece autonomia e renda a uma grande variedade de famílias em dificuldade econômica. Portanto, é pouco provável que desapareça. A conveniência da aquisição de alimentos de vendedores informais também é apreciada por muitos consumidores, incluindo os pobres das áreas urbanas, empregados de escritório e turistas. As autoridades, em particular aquelas locais, devem considerar os agentes informais como parceiros nas iniciativas de desenvolvimento local. Elas devem implementar políticas e programas destinados à criação de condições adequadas para que as atividades do setor informal sejam realizadas de modo eficiente e ao mesmo tempo minimizados os riscos para a sociedade.

# Por que devemos nos interessar *pelo setor informal de alimentos*

Em todos os países do mundo, os pobres demonstram uma forte capacidade de prover suas próprias necessidades e sobreviver em circunstâncias econômicas difíceis. Uma de suas principais estratégias de sobrevivência é o que os acadêmicos do desenvolvimento chamam “setor informal de alimentos”, ou IFS. Suas atividades mais visíveis são a produção de alimentos (urbanos, periurbanos e rurais), o processamento, o fornecimento e o transporte de refeições e a venda a varejo de produtos frescos ou preparados (ex: venda de comida na rua). O IFS pode contribuir para a segurança alimentar ao fornecer pequenas quantidades de produtos alimentícios de preço acessível em locais convenientes a consumidores pobres; proporcionando emprego e renda a lares pobres; e levando alimentos aos distritos urbanos marginais distantes do centro da cidade e dos mercados secundários organizados. Essas atividades existem em áreas urbanas, periurbanas e rurais, apesar de sua importância relativa no fornecimento de alimentos, nas atividades de distribuição e no emprego local, variar inclusive de um distrito municipal para outro (Tabela 1).



Tendências globais mostram que o crescimento do IFS está relacionado com a rápida urbanização (Figura 1) e a falta de infraestrutura comercial em novas áreas de cidades de rápido crescimento. Por todo o mundo, habitantes da área rural estão se mudando para as cidades em busca de novo trabalho, estabelecendo-se, com frequência, em favelas com mercados formais de alimentos limitados ou inexistentes. Por vezes, eles migram porque são forçados a sair de suas terras. Na Índia e na China, por exemplo, milhões de habitantes rurais perderam seu terreno agrícola e meio de sustento devido a projetos de mineração e de hidrelétricas, que os forçaram a migrar para outras localidades. Guerras e conflitos também criaram refugiados e deslocaram internamente pessoas que usam o setor como fonte de comida barata e de emprego (Bouta, Frerks e Bannon, 2005). Em todos esses casos, os ex-agricultores tiveram que abandonar a atividade e procurar novo emprego. Devido a não poderem contar com a própria produção de alimentos para consumo, os lares urbanos gastam mais 30 por cento em alimentos do que os lares rurais. Os lares urbanos de baixa renda gastam 60 a 80 por cento de suas rendas com alimentos (Aragrande e Argenti, 2001: 2). O setor informal é a opção mais acessível para essas pessoas pois fornece tanto renda para os vendedores quanto comida barata para os consumidores.

Durante períodos de crise econômica, o setor informal cresce devido à diminuição das possibilidades de emprego formal como do poder aquisitivo, tornando-se uma fonte de renda e segurança alimentar (Figura 2), Em algumas cidades africanas, o IFS pode fornecer entre 40 a 60 por cento de todo o emprego. No entanto, o setor não é meramente o resultado de uma crise econômica: o desenvolvimento econômico também incentiva os habitantes do meio rural a buscarem oportunidades em mercados urbanos. O setor informal é uma opção atrativa para aqueles que aspiram maior autonomia que aquela adquirida em emprego formal (Smart, 1989). Na Ásia, o setor expandiu-se em tempos de desenvolvimento econômico quando os trabalhadores urbanos passaram a enfrentar maiores distâncias até o trabalho e a depender cada vez mais de vendedores de comida para suprir suas necessidades nutricionais. Em muitos lugares, o setor tornou-se uma parte admirada da cultura local e pode mesmo se tornar uma fonte valiosa para o turismo.

## Definição de setor informal

O uso do termo “setor informal” tem origem na pesquisa realizada na África nos anos 1970 que mostrava que as categorias do censo “empregado”, “desempregado” e “não ativo” mascaravam a capacidade autônoma dos pobres de gerar rendas e fornecer serviços necessários para as comunidades urbanas em rápido crescimento (ILO, 1972; Hart, 1973). Numa pesquisa em Gana, o antropólogo Keith Hart descobriu que mais da metade da população, descrita nas estatísticas do censo como sem emprego assalariado, possuía na verdade um envolvimento ativo em atividades variadas de produção e serviços, possuindo rendas independentes. Por essas atividades se encontrarem fora da visão das estatísticas oficiais, ele referiu-se a elas como “setor informal”. Harding e Jenkins (1989) denominaram esta realidade “economia oculta”.

Todavia, a palavra “informal” pode causar confusão pois muitos pequenos empresários são, de alguma forma, legalmente reconhecidos pelas autoridades, especialmente se eles participarem de organizações como associações comerciais, cooperativas ou sindicatos (Yasmeen, 2001a). Muitos indivíduos estão envolvidos tanto em atividades do setor formal quanto informal (Hart, 1973), por exemplo, quando vendedores informais vendem mercadorias produzidas pelo setor formal. Em nenhum lugar, essas atividades deixam de estar relacionadas com as atividades econômicas formais. Os geógrafos Santos (1997) e McGee (1973) argumentaram que os dois setores da economia, que eles denominaram circuito superior e circuito inferior, se articulavam um com o outro. Até certo ponto, o setor informal subsidia o setor formal



ao fornecer comida barata para trabalhadores com baixos salários e por agir como uma reserva de mão-de-obra excedente.

O setor informal de alimentos pode ser definido como incluindo pequenos produtores, empreendimentos industriais, comerciantes e prestadores de serviços, envolvidos em atividades legais assim como em atividades não reconhecidas relacionadas com a alimentação.

Por exemplo, o IFS classifica a produção de alimentos, o fornecimento de refeições e o transporte, assim como a venda a varejo de produtos frescos ou

Tabela 1 ~ Emprego informal entre população ativa total das cidades selecionadas

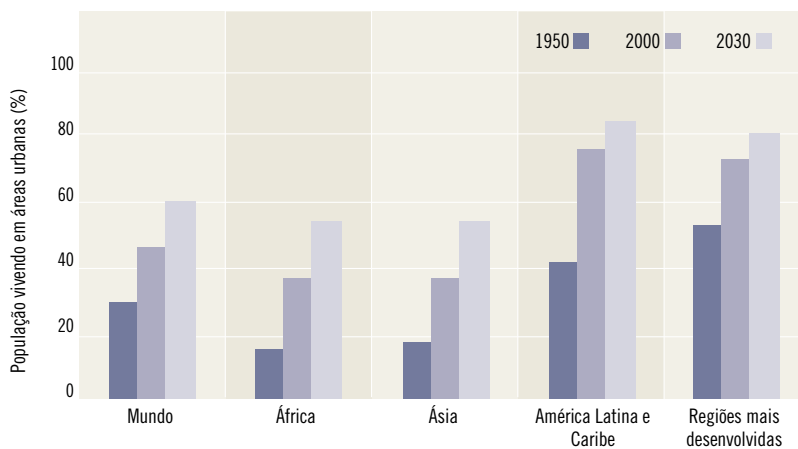
Município	População	Atividade informal de alimentos entre a população ativa (%)
Rangamati (Bangladesh)	66 211	18
Suva (Fiji)	90 000	5
Guayaquil (Equador)	2 400 000	32
Freetown (Serra Leoa)	755 589	28
Port of Spain (Trinidade e Tobago)	1 300 000	8
Lagos (Nigéria)	7 400 000	48
Blantyre (Malawi)	519 033	20
Managua (Nicarágua)	1 500 000	14
Penaloleon (Chile)	218 000	9

Fonte: Argenti, François e Mouawad, 2003





Figura 1 ~ Tendências de urbanização por região



Fonte: ONU, 2004

preparados em atividades com esse associadas. O IFS é geralmente caracterizado por: falta de especialização; investimento de capital muito baixo; uma combinação de produção e consumo; uma falta de prestação de contas e o não pagamento de todos ou de alguns impostos; a possibilidade de articulação com o setor formal de alimentos para satisfazer diferentes pedidos e a base de clientes; e inovações que são mais sociais do que técnicas (Argenti, François e Mouawad, 2003: 1).

As autoridades municipais estão começando a reconhecer que políticas de distribuição de alimentos efetivas requerem a participação dos envolvidos e uma comunicação eficaz (ex: Yasmeen, 2001b). Portanto, é vital identificar os atores principais do setor informal de alimentos, desde os produtores aos consumidores. Eles incluem produtores (ex: agricultores rurais, periurbanos e urbanos, mas também pescadores e produtores das florestas), comerciantes, transportadores, processadores (incluindo fornecedores domésticos de refeições), vendedores de mercado, gerentes, vendedores de rua e donos de pequenos restaurantes. Até o momento, todavia, a maioria das pesquisas no



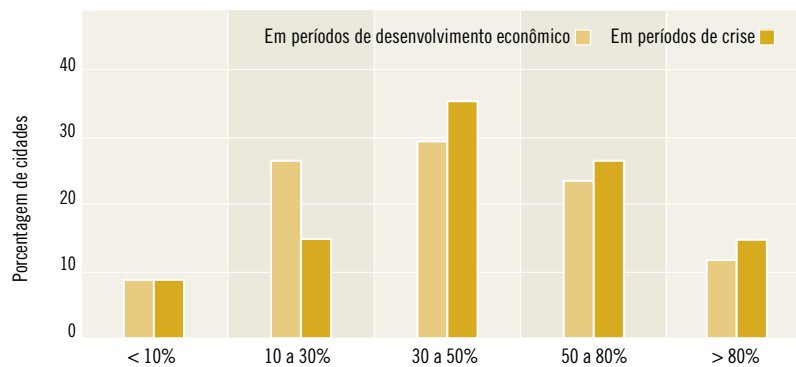
setor tem sido desenvolvida em áreas urbanas.<sup>1</sup> As pesquisas devem considerar esses atores em vários contextos de modo que a política local seja formulada para os engajar junto com as suas associações, à luz das realidades cultural e social locais.

## Impedimentos e limitações

**As atividades do IFS são frequentemente executadas** apesar da existência de políticas governamentais contra elas. Elas podem empoderar membros marginalizados da sociedade e contribuir para uma distribuição de recursos mais justa. As mulheres são com frequência extremamente responsáveis pela venda a varejo de produtos frescos, pequenas operações de fornecimento de refeições e pela venda de comida de rua. Essas atividades permitem-lhes alimentar suas famílias a baixo custo e assim contribuir para a segurança alimentar da mesma. Apesar disso, as atividades do IFS não são registradas nos registros financeiros nacionais e raramente são consideradas nos planos de desenvolvimento. As necessidades dos operadores do IFS são, com frequência, negligenciadas pelos governos e pelos sindicatos de trabalhadores que protegem os interesses dos trabalhadores do setor formal.

<sup>1</sup> Há uma crescente conscientização de que as características rurais e urbanas coexistem dentro e fora das cidades, em várias partes do mundo, especialmente com a expansão das cidades, o que levou a um desenvolvimento das pesquisas periurbanas que certamente serão relevantes para os responsáveis pela criação de políticas para a área (Allen, 2003). Essa questão, todavia, raramente é tratada na literatura sobre o IFS e está fora do escopo deste trabalho.

**Figura 2 ~ Importância do setor informal no fornecimento e na distribuição urbana de alimentos em períodos de crise e de desenvolvimento econômico**



Fonte: Hugon e Kervarec, 2001



Os operadores do IFS enfrentam diversas limitações importantes. Eles são diretamente vulneráveis às variações no mercado do qual adquirem seus suprimentos. Além disso, têm uma capacidade de armazenamento limitada e estão restritos no que diz respeito ao volume de negócios diário. As condições das vendas de rua, o acesso limitado aos serviços básicos, incluindo acesso à água potável, e a saúde dos vendedores pode contribuir para criar problemas de higiene e segurança dos alimentos. Além disso, a qualidade nutricional de comida de rua fresca e cozida pode ser baixa. As suas atividades podem aumentar os problemas de congestionamento de trânsito, segurança e poluição ambiental. Com frequência, as autoridades veem o setor como parte remanescente das atividades econômicas tradicionais e como um sinal de que suas cidades ainda não se desenvolveram adequadamente. Geralmente, os negócios no setor formal, com custos operacionais mais elevados e cargas tributárias mais pesadas, desejam eliminá-los pois a concorrência influencia seus lucros.

Por essas razões, as autoridades governamentais, e as locais em particular, manifestam-se com frequência, contra os operadores do setor informal de alimentos. A opressão do setor leva os atores do IFS a desconfiar

dos agentes de estado que poderiam ajudá-los a lidar com questões relacionadas com a saúde, saneamento e crédito. Em muitos países, um contexto político instável significa que períodos de relaxamento e mesmo de promoção da área podem vir seguidos de períodos de opressão.

## Entendendo o papel econômico e social do setor informal de alimentos

**Os problemas acima descritos** podem ser superados com um maior entendimento do papel das atividades informais e de sua contribuição para a segurança alimentar e com atitudes corretas e políticas adequadas para com os operadores do setor, a fim de minimizar as consequências negativas de suas atividades e aumentar sua capacidade de investimento. Suas necessidades e limitações devem ser integradas no planejamento urbano e seu conhecimento e capacidade de gerenciamento dos negócios deveriam ser fortalecidos. Aos operadores poderiam ser fornecidos serviços, equipamentos e instalações em uma infraestrutura adequadamente administrada.

## Estratégias e objetivos

Existem dois aspectos com estratégias e objetivos muito diversos no IFS.

O primeiro é a estratégia de sobrevivência, cujo objetivo primário é a segurança alimentar diária. O segundo é caracterizado pelas micro ou pequenas empresas (incluindo empreendimentos familiares) cujo objetivo primário é o desenvolvimento econômico.

As políticas e sua implementação desses dois aspectos diferem radicalmente.

No primeiro aspecto, as políticas aplicadas têm um conteúdo altamente social, enquanto no segundo, o conteúdo é principalmente econômico.

Por fim, regulamentações sobre ocupação e uso da terra, padrões de qualidade dos alimentos, normas de higiene, circulação no trânsito e poluição deveriam ser estabelecidas.

Recentemente, alguns governos começaram a incentivar e trabalhar em parceria com o IFS, em vez de trabalhar contra ele. Em 2000, um grupo de prefeitos e urbanistas reuniu-se em Bangkok, na Tailândia, para o seminário regional da FAO Feeding Asian Cities (Alimentando Cidades Asiáticas). A Agenda de Ações resultante declarou que é preciso que as cidades reconheçam a importância do IFS, especialmente para os pobres urbanos (Yasmeen, 2001b). A FAO e as agências de desenvolvimento podem auxiliar os governos centrais e locais no entendimento do setor.

### Trazendo status para o setor informal de alimentos: antecedentes e contexto

Desde meados dos anos 1990, várias pesquisas documentaram a importância do IFS na resolução dos problemas nutricionais e da economia urbana (ex: Yasmeen, 2001a; Argenti, François e Mouawad, 2003; Tinker, 1997; Nirathron, 2005). Essa pesquisa demonstrou o valor da produção informal de alimentos, do processamento e da venda a varejo dos mesmos na criação de emprego e renda para os pobres, de modo particular para as mulheres, que com frequência são mais ativas no setor do que os homens (Yasmeen, 2001a; Tinker, 1997; Simon, 2003). Pesquisas também mostram que o IFS dá acesso a



alimentos nutritivos a preços acessíveis a consumidores urbanos de baixa renda.

As pesquisas também indicam os desafios do setor, como a falta de reconhecimento do IFS, por parte das autoridades municipais, como uma atividade de uso legítimo da terra (De Soto, 1989). A falta de direitos reconhecidos a fim de que os vendedores instalem bancas móveis de venda em espaços regulamentados desencoraja o investimento sustentável. Os atores do IFS não têm acesso às instituições estatais para solucionar conflitos ou assegurar e fazer valer seus direitos.

Por sua natureza, o setor não possui o estatuto legal formal que facilitaria a melhoria na higiene dos alimentos e o acesso ao crédito. Os vendedores também sofrem com os problemas de trânsito, barulho, segurança



**Tabela 2 ~ Importância da comida de rua nas cidades selecionadas**

Cidade	Consumo	Valor do comércio
Calcutá, Índia (1995)	Aproximadamente 130 000 pontos de venda de comida de rua; 33% dos clientes compram comida de rua a cada dia.	Vendas estimadas em US\$60 milhões por ano.
Bangkok, Tailândia	Observou-se que as comidas de rua contribuem com até 40% da ingestão total de energia, 39% do total de proteínas ingeridas e 44% do total da ingestão de ferro dos residentes; 88% do total da ingestão de energia diária, proteínas, gordura e ferro de crianças de 4 a 6 anos de idade.	As vendas de negócios de comida de rua registrados ultrapassam US\$98 milhões por ano.
Santiago do Chile, Chile (1991)	Aproximadamente 14 000 vendedores.	Aproximadamente US\$70 milhões por ano.
Cidade da Guatemala, Guatemala (1994)	Aproximadamente 20 000 vendedores.	
Abidjan, Costa do Marfim (1995)	700 000 refeições de comida de rua por dia em 1993.	

Fonte: Aragrande e Argenti, 2001

pessoal e higiene, enquanto que os consumidores correm riscos de segurança alimentar (Argenti, 2000).

Há indícios de que o IFS contribui para a economia em termos de produto interno bruto (PIB) e emprego. A contribuição do setor informal para o PIB, esse tipo de estatística existe, varia de 13 por cento, no México, a 58 por cento em Gana (ILO, 2002: 24). A contribuição do IFS relativa ao emprego varia de 48 por cento de emprego não-agrícola no norte da África a 72 por cento na África subsaariana (ILO, 2002: 19).

Há muitos tipos diferentes de vendedores de rua, incluindo aqueles em quiosques fixos e bancas móveis, os que vendem em veículos (carroças, bicicletas, caminhões, etc.), sobre plásticos ou panos estendidos nas ruas e vendedores ambulantes (Tabela 2). Eles podem ser indivíduos, membros de famílias, ou mesmo trabalhadores de empreendimentos já estabelecidos buscando novos mercados. A atividade de venda varia muito de acordo com o gênero, a etnia e a idade. A cooperação municipal com o setor pode criar empregos para vendedores e ao mesmo tempo fornecer alimentos e um ambiente urbano atrativo para consumidores locais e turistas.





“... Para o governo local é possível tanto apoiar quanto regulamentar esse setor (...) não é uma situação de ‘ou isso ou aquilo’ e há muitos exemplos em todo o mundo de autoridades locais que finalmente aceitaram as micro-empresas de alimentos (e de fato abraçaram sua existência) e facilitaram seu acesso ao espaço e treinamento, etc., ao mesmo tempo em que cadastram os vendedores, criam regulamentações para higiene, etc.”

G. Yasmeen, citado em Macchi, 2006: 13



# Aspectos econômicos *do setor informal de alimentos*

## Vendedores de rua, uma ocupação desafiadora

**Os vendedores de rua são muito visíveis no IFS** (Tabela 2). Apesar de fornecerem renda para suas famílias e serviços importantes para os clientes, eles também podem provocar respostas negativas por parte das autoridades locais e dos membros da elite. Os estabelecimentos formais ressentem-se com frequência de sua concorrência. Críticos das vendas de rua acusam os vendedores de evadirem impostos e fornecerem produtos de baixa qualidade, ao mesmo tempo em que criam deterioração urbana, riscos de saúde e segurança e congestionamento em áreas de tráfego intenso (Bromley 2000: 10). A polícia e outras autoridades atormentam os vendedores, criando uma desconfiança por parte desses em relação ao estado (Tinker, 1987: 64). No entanto, a comida de rua, é importante para os pobres por razões nutricionais, econômicas e sócio-culturais. Em muitas cidades asiáticas, os trabalhadores de escritório também apreciam sua conveniência. Na maioria das cidades grandes, ela é uma importante fonte de nutrientes e de renda para uma grande porcentagem da população (FAO, 1996).

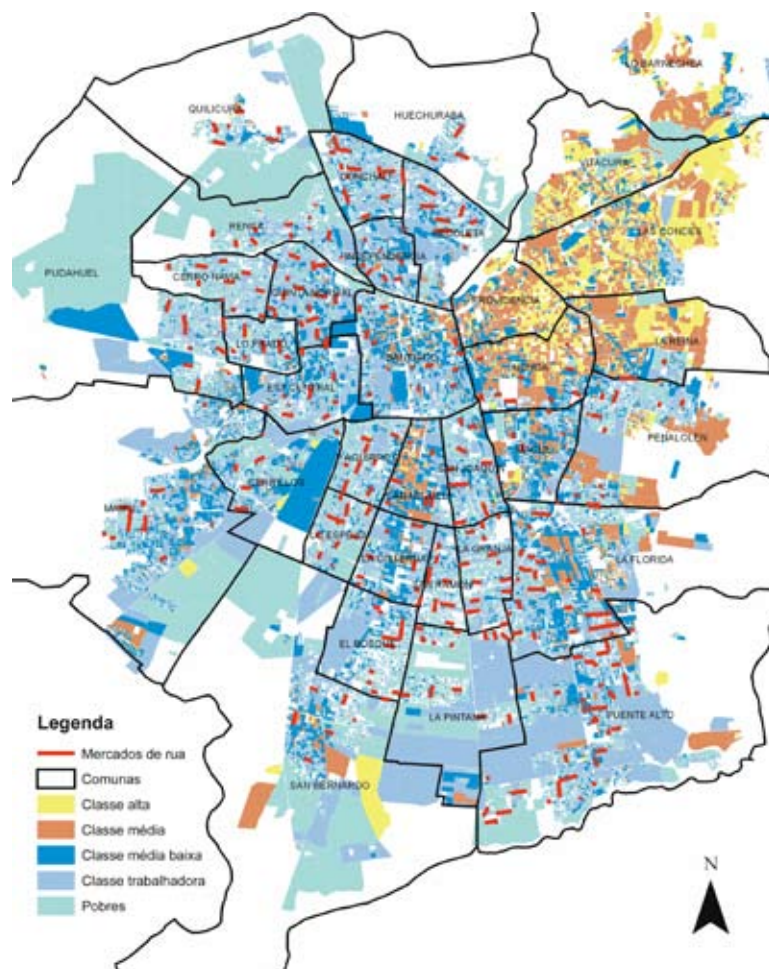


## Vendedores de mercado

**Os vendedores de mercado encontram-se entre** os atores mais visíveis do IFS, nos mercados formais (ex: mercados públicos administrados por autoridades locais), nos mercados informais e nos mercados espontâneos que surgem nas favelas ou em áreas de alto tráfego, como na proximidade das estações de trem. Mesmo os mercados formais geralmente incluem atividades informais de venda, pois os vendedores formais sublocam espaços do mercado a outros ou surgem vendedores que se apossam de locais não designados ou se espalham em áreas na frente do mercado para realizar suas atividades.

Os mercados criam empregos para vendedores, administradores do mercado, fornecedores e transportadores, ao mesmo tempo que oferecem importantes contribuições para a segurança alimentar. Eles também são atraentes como pontos turísticos, por conseguinte, contribuem para o desenvolvimento local. Em algumas cidades a maioria dos mercados são espontâneos, isto é, estabelecidos pelos próprios vendedores onde não há locais estabelecidos pelos municípios (Argenti, 1999b: 5).

Em muitos países, mesmo os mercados públicos legalizados enfrentam problemas de espaço insuficiente, de instalações inadequadas de armazenamento, de pouca higiene e fraca administração. Os administradores dos mercados, muitas vezes, não conseguem impor as regulamentações nem garantir a segurança de vendedores e clientes. Em muitas cidades, os mercados



**Mapa 1 ~ Localização dos mercados de rua em Santiago do Chile, Chile**

Fonte: Aliaga Linares, 2006



públicos terminaram pegando fogo devido à manutenção insuficiente e à falta de prevenção contra incêndios (Argenti, 1999b: 4).

Os mercados também podem ser monopolizados por certos agentes, levando à exploração dos produtores, dos vendedores e a preços mais altos para os consumidores. Em Gana, por exemplo, os produtores são forçados a vender por meio das “market queens” (rainhas do mercado) que tiram vantagem da falta de transparência dos preços e nem sempre pagam os produtores de maneira justa (De Lardemelle, 1995). Apesar desses problemas, os mercados públicos continuam sendo uma parte central do IFS e é uma área em que a política e o planejamento urbano se podem mostrar mais eficazes. A cooperação do estado com as associações de vendedores de mercado pode ser especialmente eficaz para lidar com os problemas dos vendedores de mercado.

## Pequenos restaurantes e fornecedores de refeições

**Fornecedores domésticos de refeições** são empreendedores que cozinham em casa e depois servem seus produtos finalizados. Em muitas cidades, eles fornecem marmitas de almoço para trabalhadores de escritório. Os pequenos restaurantes, com frequência, não são registrados junto ao governo local e não pagam impostos. Em muitos casos, os restaurantes que estão nominalmente no setor formal combinam um comportamento econômico formal e informal, ocultando

**Tabela 3** ~ Contribuição da produção agrícola urbana para o emprego, a renda e a economia com gastos em alimentos em áreas urbanas de cidades e países selecionados nos anos 1990

Cidade, ano	Produtores (mercado de auto-provimento)	Retorno econômico (renda, economia)
Acra, Gana, 1997	13,6% de lares em 16 áreas de cidades; 700 agricultores de mercado	Renda de US\$20-100/mês (sazonal)
Addis Abeba, Etiópia, 1999	5 167 unidades de laticínios	76% na cidade secundária e 54% das unidades de laticínios no centro de Addis são propriedade de mulheres
Cairo, Egito, 1995	16% dos lares (criação de animais); 59% dos quais são pobres	Os bens das criações de animais excedem 2 a 3 vezes a renda mensal <i>per capita</i>
Calcutá, Índia, 2000	17 000 empregos em áreas de pesca nos mangues	
Dar es Salaam, República Unida da Tanzânia, 1997	15-20% de hortas domésticas (duas áreas) (produção em tempo integral)	30% do salário médio 35 000 lares dependem da produção de frutas/verduras para renda
Jacarta, Indonésia, 1999	100 234 proprietários e trabalhadores	Salário mais alto do que o da mão-de-obra não qualificada na construção civil
Cidade do México, México, 1990-1996	1,3-19% da população economicamente ativa em algumas <i>Delegaciones</i>	10-40% renda (suíno); até 100% da renda (leite); 10-30% renda (milho); 80% da renda (verduras); 80% + renda (ornamentos); 100% da renda (nopal, atum)
Xangai, China	27 milhões de fazendeiros (31,8% trabalhadores); 13 400 trabalhadores	2% do PIB da cidade; 28% dos lares recebem alguma renda

Fonte: Mougeot, 2005: 9



vendas e/ou realizando contratação informal. Esses agentes do setor informal têm recebido menos atenção do que os vendedores de rua e de mercado tanto por parte dos pesquisadores quanto dos responsáveis pela criação de políticas.

## Agricultores urbanos

**Em muitos países, a atividade agrária urbana e periurbana** (incluindo a criação de animais) é comum tanto para fins de sobrevivência quanto comerciais (FAO, 2005; Mougeot, 2005) (Tabela 3). O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT), a FAO, o Centro Internacional de Pesquisas para o Desenvolvimento (IDRC) e outros organismos internacionais reconheceram a sua importância ao fornecer tanto emprego quanto suprimento de alimentos a residentes urbanos (UNDP, 1996; FAO, 2005). No entanto, as autoridades locais e os responsáveis pela elaboração de políticas para o setor, com frequência subestimam o setor ou consideram-no ilegal. Com o crescimento das cidades, a pressão interna também força os agricultores urbanos para fora de suas terras. Os agricultores urbanos enfrentam dificuldades como pouca ou nenhuma segurança de posse, pouco auxílio em casos de roubo ou corte das plantações e nenhum acesso aos serviços de extensão. Onde o setor é ilegal, os agricultores urbanos encontram dificuldades no acesso à água

## Havana, Cuba

## Estudo de caso

O movimento de agricultura urbana emergiu em Cuba em 1993 com o objetivo de mitigar a precária situação econômica do país após a perda do apoio da União Soviética, sem desistir das conquistas da revolução social de 1959. Com o apoio das organizações do governo local (os Conselhos Populares), das organizações sociais e das ONGs, o governo autorizou as pessoas a usarem, sem algum custo, parte das propriedades desocupadas do governo para a produção de plantações. Eles forneceram auxílio técnico, sementes, ferramentas básicas e tonéis de água aos agricultores urbanos. Aqueles que se organizaram em cooperativas (Unidades Básicas de Produção Cooperativa) tornaram-se aptos a receber crédito e pontos para vendas. Partes do Parque Metropolitano de La Havana também foram destinadas à agricultura urbana. Em 2003, 12 por cento da terra urbana de Havana era usada para a agricultura. Fazendeiros tinham rendimentos mais altos, em alguns casos mais altos que o salário médio urbano. Além disso, a cidade tornou-se mais capacitada para reciclar matéria orgânica e reduzir o número de pequenos depósitos de lixo. A agricultura urbana também contribuiu para tornar a cidade mais verde. Apesar de ainda existirem problemas técnicos a resolver, tais como a irrigação e a poluição por automóveis, o projeto tem sido capaz de suprir os residentes urbanos com verduras e ervas frescas produzidas localmente e com custos de transporte mínimos. Sobretudo, tornou Havana um local mais habitável (Cruz e Medina, 2003).



limpa, o que acarreta implicações para a saúde pública por gerar alimentos potencialmente contaminados que são distribuídos a mercados e consumidores. Todavia, se esses problemas forem sanados, a agricultura urbana poderá contribuir para o bem estar nutricional, econômico e ambiental das cidades (Aragrande e Argenti, 2001; Argenti, François e Mouawad, 2003; Binns e Lynch, 1998).

## Fornecimento de alimentos e questões de distribuição: espaço para progresso

**O fornecimento de alimentos e sua distribuição** envolvem montagem, manuseio, processamento, embalagem, transporte, armazenamento e venda por atacado e varejo. Deficiências nessas áreas acarretam preços mais altos ou até mesmo escassez de alimentos. Particularmente em países que têm passado por ajustes estruturais, o papel do setor público tem sido cada vez mais reduzido e consiste principalmente em: fornecimento de infraestruturas incluindo estradas, instalações para armazenamento e mercados públicos; estabelecimento de regras e regulamentações para o mercado e controle da qualidade dos alimentos. Em muitos países, os mercados de venda por atacado são públicos, mas geralmente demasiado antigos ou

pequenos para satisfazer a crescente procura (Aragrande e Argenti, 2001; Diouf, 1999). Os trabalhadores do setor informal muitas vezes adquirem suas matérias-primas em um mercado “não oficial”. Na África, alguns vendedores urbanos de alimentos informais trocam produtos processados por produtos agrícolas não processados com parentes que moram na região rural. Mesmo que esta seja uma pequena parte da distribuição de alimentos, ela pode representar até sete por cento da comida trazida para cidades africanas (Egounlety, 1997: 23).

Apesar de o setor informal de transporte ter sido pouco estudado, ele é uma parte importante do fornecimento e da distribuição de alimentos em todas as cidades do mundo (Tabela 4). Um estudo sobre o transporte informal de alimentos feito por Wilhelm na África (FAO, 1997c) comprovou que a maior parte dos alimentos, mesmo quando vendidos no setor formal, é transportada para as cidades por meios de transporte informais. Transportadores informais usam muitos meios de transporte, inclusive veículos não motorizados (bicicletas, carros manuais e riquixás [carroças de duas rodas movidas a tração humana], bem como carroças puxadas por animais). Para curtas distâncias, o transporte de alimentos a pé também é comum. Várias formas de táxis motorizados e transporte público também são usados para transportar produtos até aos mercados. Devido ao aumento global no preço dos combustíveis, os meios de transporte não motorizados não têm possibilidade de extinção e deveriam ser encorajados. Entretanto, em muitos lugares, as autoridades veem os fornecedores de transporte informal como remanescentes de uma tradição e não dão muita atenção ao setor (Wilhelm, 1997). Sendo a parte menos pesquisada do IFS, há necessidade de mais estudos de caso com ênfase na questão política.

## Considerações sobre implicações econômicas e sua importância

**A produção, distribuição e venda** a varejo de alimentos no setor informal são atividades importantes que fornecem rendas nos países em desenvolvimento. Entretanto, acredita-se que sua existência possa ser mais um sintoma de pobreza do que a solução desta. Infelizmente há pouca evidência estatística sobre o impacto do setor na redução da pobreza e as pesquisas apenas começaram. Todavia, uma inspeção do setor feita em 2000 para o Banco Mundial (Charmes, 2000) mostrou que na África – onde a pobreza está mais fortemente arraigada – a renda no setor informal não é tão baixa como se pensava anteriormente e permaneceu em níveis razoáveis apesar dos anos de difíceis ajustes estruturais e do colapso econômico. A inspeção concluiu que ao considerar os níveis de pobreza nacionais (diferentes dos níveis de pobreza de US\$1,00) na América Latina e na África subsaariana, parece que – com poucas exceções – quanto mais prevalente o setor informal, menor a extensão da pobreza. São claramente necessárias mais pesquisas econômicas nesta área; o foco da pesquisa atual está mais voltado para como o IFS pode alcançar objetivos sociais.

**Tabela 4** ~ Estimativa de aumento do tráfego em 2012 devido ao transporte de alimentos nas cidades selecionadas

Cidades	Carregamento por dez toneladas
Abidjan, Costa do Marfim	124 600
Lagos, Nigéria	500 000
Mumbai, Índia	313 400
Teerã, Irã	147 900
Maracaibo, República Bolivariana da Venezuela	27 600
Santiago de los Caballeros, República Dominicana	13 100

Fonte: Argenti, 2000. Dados sobre médias de consumo de alimentos nacionais. Ano base: 2000





Em países com culturas ancestrais como os que existem na África, Ásia e América Latina há um conhecimento local milenar sobre a elaboração de alimentos que tem sido e continuará sendo responsável por sua produção. O problema é que a introdução de novos alimentos e o abandono de alimentos tradicionais e de seus processos distorceram os aspectos nutricionais e sanitários da comida tradicional. A nova mistura nutricional (produtos e processos) deve ser regulamentada localmente sem a interferência de parâmetros externos, exceto nos casos de exportações agrícolas.

Sánchez Narvaez, citado em Macchi, 2006: 5



# As ramificações sociais *do setor informal de alimentos*



## Questões de saúde e segurança para consumidores

Vários participantes da conferência virtual do IFS, organizada pela FAO e pela Universidade de Bolonha, em maio de 2006, observaram que muitas questões de saúde e segurança para produtores e consumidores não foram adequadamente abordadas no setor (ex: WHO, 2001),<sup>2</sup> desde a produção ao consumo. Na agricultura urbana não regulamentada, por exemplo, as vias aquáticas urbanas são geralmente muito poluídas, levando à contaminação da produção (Binns e Lynch, 1998: 782; FAO e WHO, 2004). Alimentos de baixa qualidade e as doenças deles resultantes podem ter consequências negativas no comércio e no turismo porque os consumidores perdem a confiança na qualidade dos produtos vendidos. Para os vendedores, isso pode resultar em perdas econômicas e até mesmo desemprego (FAO, 1998). Esses problemas são especialmente complicados de resolver em países onde as atividades informais são desencorajadas, e portanto escondidas dos inspetores de saúde.

Riscos de contaminações bacterianas e químicas durante o processamento, o transporte e a venda dos alimentos, em algumas circunstâncias, podem ter um controle que deixa a desejar no IFS. Os mercados de venda por atacado e varejo geralmente têm infraestruturas inadequadas, incluindo o recolhimento de lixo e o fornecimento de água. O armazenamento é um problema já que em muitos países os vendedores não têm acesso à eletricidade e à refrigeração. Além disso, a melhoria da infraestrutura dos mercados não é suficiente para eliminar esses riscos. Uma vez que a comida é geralmente processada em residências, também devem ser empreendidos esforços para a melhoria das moradias urbanas - incluindo o saneamento e o acesso à água e à eletricidade.

A saúde e a segurança dos alimentos são questões fundamentais em lugares onde os alimentos vendidos na rua são importantes para os consumidores urbanos

<sup>2</sup> Vários participantes da conferência virtual afirmaram que ninguém deve associar o IFS a comida de baixa qualidade: até hotéis cinco estrelas podem ter problemas com saneamento e processamento de alimentos.

(FAO, 1997; Tinker 2003). Entretanto, em um estudo de sete cidades africanas e asiáticas, Tinker descobriu que a comida feita e vendida nas ruas ou em mercados geralmente é segura se consumida logo após ser preparada. A contaminação dos alimentos geralmente acontece por meio de mãos e pratos sujos, bem como por poeira (Tinker, 1987: 65). Estudos na América Latina revelam riscos de saúde sob estas condições: preparação de comida sem acesso à água potável; desrespeito pelas práticas mínimas de higiene e preparação adequada dos alimentos; falta de cuidado na seleção de alimentos crus; negligência com a contaminação ambiental.

Vendedores também podem manusear os aditivos alimentícios de forma errônea e até mesmo utilizar

### Pune, Índia

## Estudo de caso

Um projeto liderado pelo IRDC sobre os vendedores informais de comida de rua na cidade de Pune, na Índia, revelou que as amostras de comida coletadas dos vendedores de rua geralmente estavam contaminadas por bactérias. O estudo também demonstrou que as refeições preparadas por mulheres em suas próprias casas e vendidas nas ruas tinham qualidade superior à de outros alimentos comercializados nas ruas. Por isso o projeto recomendou a regularização de atividades que manipulem comida nas ruas e o estabelecimento, em cada município, de locais de venda e instalações adequadas (para limpeza e armazenamento de itens em grande quantidade e preparação dos alimentos) a fim de reduzir uma possível contaminação dos alimentos devido a condições de trabalho sem higiene. Atividades de pesquisa resultaram em um plano de regulamentação, assistência e simplificação da comercialização de comida nas ruas de Pune. Também deram origem a melhorias no saneamento e nas condições de trabalho dos vendedores de rua, além de uma melhor comunicação entre vendedores e autoridades (IDRC, 2002).

substâncias com corantes e conservantes cujo uso não tenha sido aprovado para alimentos, aumentando assim os riscos para a saúde.

Nos países da Ásia Oriental com um grande IFS, os consumidores estão bem informados quanto às questões de segurança alimentar. Por isso, os vendedores devem fornecer um ambiente higiênico se desejam manter seus negócios em atividade. Isso demonstra que a educação dos consumidores é um elemento importante na criação de um IFS seguro.

## Quem alimenta o fogo? Questões de gênero

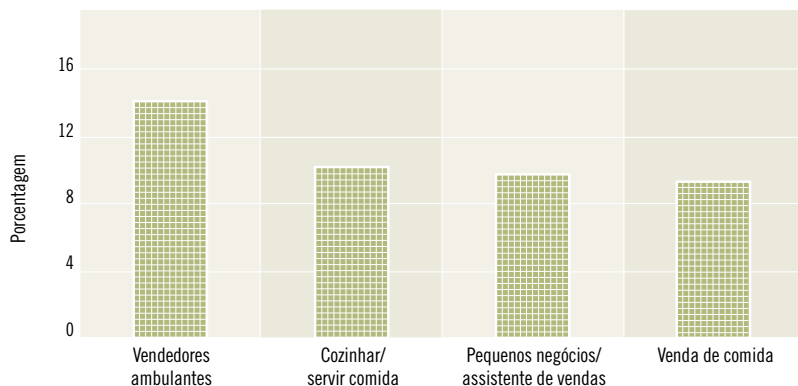
**Todos sabem que as mulheres** tendem, mais que os homens a trabalhar no setor informal, por uma combinação de fatores que incluem: maiores responsabilidades no lar; baixo grau ou não-reconhecimento de habilidade e educação; redução de renda familiar e, ocasionalmente, desejo por maior autonomia e flexibilidade (Scott, 1994). Em geral, as mulheres no setor ganham menos do que os homens e se concentram em nichos de mercado considerados “femininos”, especialmente na produção de alimentos e nos serviços a ela relacionados (FAO, 1995). Entretanto, em alguns países, elas podem ganhar mais do que trabalhadores com emprego formal, tais como os empregados da construção civil (Tinker, 1987: 59). Na verdade, algumas mulheres podem ganhar mais do que seus maridos. Há grande variação local no impacto da participação no setor sobre a subsistência das mulheres. A fim de melhorar as condições gerais das mulheres no IFS, é importante reconhecer que suas atividades no setor não são apenas temporárias e/ou complementares ao trabalho de seus maridos, mas podem ser regulares e permanentes (FAO, 1995).

O contexto cultural da participação das mulheres no IFS deveria ser considerado dentro das amplas relações de afinidade, alianças e clientela (Kanté, 2002). Geralmente elas usam sua renda para sustentar suas famílias, e não para investir na expansão de seus negócios (Tinker, 1994) nem para adquirir prestígio ou receber solidariedade social por tal trabalho. Além disso, elas consideram esse setor mais flexível que o mercado de emprego formal, e podem combinar mais facilmente um emprego que gera renda com outras responsabilidades domésticas como cuidar dos filhos (Simon, 2003). Esses valores devem ser considerados nas políticas para o setor, já que as mulheres não estão necessariamente interessadas em expandir seus negócios ou deixar o setor por um emprego formal (Roubaud, 1994; Hansen e Vaa, 2004). Mais importante ainda, as mulheres devem ser capacitadas no setor para tomar suas próprias decisões.

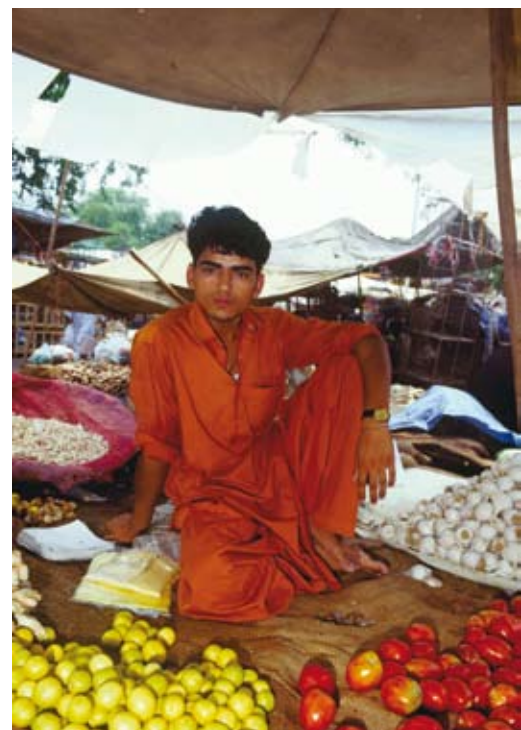
## Quem ajuda? As crianças no setor informal de alimentos

**Devido ao fato do trabalho infantil ser ilegal** na maioria dos países, as crianças tendem a trabalhar no IFS em situações que variam desde a pura exploração até simplesmente ajudar seus pais depois da escola (Figura 3). De acordo com a OIT, existem 246 milhões de crianças trabalhando em todo o mundo – a maioria no setor informal sem alguma proteção legal (ILO, 2005: 1). Crianças preparando e vendendo comida nas ruas de áreas metropolitanas representam um dos principais e mais evidentes grupos de crianças que trabalham (ILO, 2003b). Elas podem trabalhar como parte de uma família, de uma empresa ou associação informal, ou podem, ainda, ser autônomas (ILO, 2003b: 1). Crianças que moram em lares geralmente trabalham

**Figura 3** ~ Principal tipo de trabalho executado por crianças com idade compreendida entre 5 e 7 anos, Uganda



Fonte: ILO, 2004





## A competição entre os setores formal e informal de alimentos

Na conferência virtual, alguns participantes afirmaram que os supermercados podem ameaçar a sustentabilidade dos mercados de alimento informais. Em algumas cidades da África, por exemplo, os supermercados atingiram um mercado de classes média e alta com um ambiente atrativo para compras, fornecendo acesso a produtos de todo o mundo e até mesmo entretenimento. Ainda não se sabe se tais supermercados são uma ameaça para os mercados informais e a produção local de alimentos, ou se os dois setores coexistirão atraindo clientelas diferentes. Muitos consumidores na Tanzânia ainda preferem mercados tradicionais porque consideram os alimentos dos supermercados menos frescos. De forma semelhante, os mercados tradicionais continuam a prosperar até mesmo nos países asiáticos mais ricos porque muitos consumidores acreditam que a comida tem melhor qualidade e melhor preço. Eles também preferem comprar produtos locais. Esse assunto merece uma pesquisa mais aprofundada.

para ajudar suas famílias, enquanto aquelas que vivem na rua trabalham para sobreviver (ibid). A educação das crianças, em geral, tem sido prejudicada pela pobreza e pela sua necessidade de sobreviver (Joshi, 1997: 35). Devido ao seu amplo envolvimento com o IFS, suas necessidades devem ser consideradas nas pesquisas e na criação de políticas para o setor.

### A comida vendida na rua é nutritiva?

**Existe a preocupação de que a comida vendida na rua** possa conter quantidades prejudiciais de gorduras saturadas, açúcar e sal, além de contribuir para a obesidade e doenças relacionadas. Os alimentos vendidos nas ruas geralmente são preparados usando ingredientes mais baratos, incluindo grãos refinados e óleos comestíveis hidrogenados.

Ainda assim, a comida de rua fornece uma oportunidade de melhoria na qualidade nutricional da dieta para o setor da população de baixa renda. Em 2005, uma pesquisa com crianças do sexto ano do ensino fundamental em Dar es Salaam, República Unida da Tanzânia, descobriu que 67 por cento dos alunos comprava alimentos na rua todos os dias e outros 17 por cento comprava esse tipo de comida de duas a três vezes por semana. Esses alimentos eram, com frequência, os únicos consumidos pelas crianças durante o período escolar (Sokoine University e FAO, 2005: 16). A qualidade nutricional da comida de rua precisa de uma maior atenção. Alguns participantes da conferência virtual defenderam que a educação para a saúde e a nutrição deviam ser oferecidas aos estudantes – que já são consumidores de grande quantidade de alimentos comercializados nas ruas e podem eventualmente se tornar vendedores de rua também. A FAO tem trabalhado a educação nutricional



e chamado a atenção para a saúde e os aspectos nutricionais dos alimentos de rua desde os anos 1990. Tais projetos resultaram em um número de conferências e publicações, incluindo guias de nutrição para famílias e crianças em idade escolar (ex: FAO, 2004b).

## Saúde no ambiente de trabalho e questões de segurança para os vendedores

**Os riscos mais evidentes de saúde e segurança** para os vendedores incluem acidentes de trânsito, inalação da fumaça expelida por veículos automotores, fadiga em razão da longa jornada de trabalho e potencial exposição ao crime. Geralmente eles estão mal informados sobre os riscos aos quais estão expostos e, quando têm consciência dos mesmos, não sabem como reduzi-los. Os trabalhadores do setor informal, com frequência, trabalham em espaços abertos ou em locais com tráfego intenso. A esses problemas também podemos adicionar a falta de

acesso a instalações sanitárias, à água potável, à eletricidade e ao recolhimento de lixo. Assim como os problemas de saúde para os consumidores, tais questões poderiam ser resolvidas se as autoridades municipais dessem maior apoio e perseguissem menos os trabalhadores do IFS. Uma proposta integrada para a melhoria da qualidade e da segurança dos alimentos comercializados nas ruas tem que ser desenvolvida com a finalidade de treinar, supervisionar, monitorar e orientar os vendedores de alimentos a fim de melhorar suas práticas de manuseio (Dardano, 2003). Felizmente, há muitos estudos de casos de sucesso que documentam tais iniciativas.

## De onde vêm os alimentos do setor informal de alimentos?

**Até o momento, há pouca pesquisa** sobre o IFS nas áreas rurais. Muitos participantes da conferência virtual ressaltaram sua importância para pequenos agricultores e produtores da floresta, especialmente aqueles que produzem produtos locais para mercados locais. Os pescadores também se encontram envolvidos no mercado informal. Produtores locais podem fornecer alimentos mais seguros do que os produtos alimentares industrializados – já que esses geralmente precisam ser despachados para grandes distâncias. Comidas nativas e locais também oferecem diversidade de alimentos e podem ser mais nutritivas que alimentos processados com valor agregado (muitas vezes importados de países mais desenvolvidos a um custo muito alto).



Muitos participantes também enfatizaram a importância de usar o IFS para promover a venda e o consumo de produtos locais, que normalmente são mais nutritivos do que produtos alimentícios industriais importados. Além de aumentar a diversidade de alimentos e a nutrição dos consumidores urbanos, tal campanha também proporcionaria uma renda maior aos produtores locais, que por sua vez diminuiriam a migração para as áreas urbanas. Os custos reduzidos de transporte – especialmente quando comparados aos do transporte das importações de alimentos industrializados – também contribuiriam para o desenvolvimento sustentável.

## Etnicidade no setor informal de alimentos

### Há poucos estudos sobre as dimensões étnicas

do IFS (ex: Nirathron, 2005; Lloyd-Evans e Potter, 2002). No entanto, o comportamento dos agentes e consumidores do mercado é influenciado pelas diferentes mentalidades ou lógicas sociais de diferentes

grupos étnicos (Devautour, 1997). Isso é especialmente importante no IFS, já que o consumo de alimentos varia tremendamente entre os diferentes grupos étnicos e culturais.

Uma pesquisa mais aprofundada das relações sociais precisa ser feita para resolver questões sobre a igualdade entre os grupos étnicos. Em alguns países, membros de minorias subordinadas têm dificuldade de acesso aos mercados. Em Taiwan, por exemplo, os membros de grupos nativos austronésios relatam que ocasionalmente os mercados cobram mais dos aborígenes do que cobram aos taiwaneses de origem chinesa para alugar quiosques (Simon, 2004: 101). Membros de grupos étnicos podem se ajudar nos mercados criando redes que podem excluir outros grupos do mercado. Tendo em mente as redes étnicas analisadas em Lugalla, na República Unida da Tanzânia (1997: 425), sugere-se que as políticas reexaminem as relações sociais para que a promoção do setor não venha apenas a fortalecer os processos existentes de desigualdade, exploração e exclusão. Esse é um tema importante para futuras pesquisas.





“Se a economia informal constitui uma rede insubstituível de trocas sociais e econômicas, na verdade o que tem que ser salientado é o fato do setor ter de ser reconhecido como uma parte propriamente funcional de um mercado real. Isso permitiria às autoridades envolver-se em um processo participativo a fim de superar situações problemáticas reais lidando com um cenário no qual tais atividades seriam reconhecidas por lei.”

E. Cassarino, citado em Macchi, 2006: 12



# O setor informal de alimentos *trabalhando para o benefício de todos*

## Algumas histórias de sucesso

Há uma **tendência crescente de apoio ao setor**, em vez de perseguição, por parte dos municípios. Exemplos bem-sucedidos de cooperação podem ser encontrados em todo o mundo (Tabela 5). Os resultados são: melhores condições de trabalho para vendedores, alimentos mais seguros para o consumidor e ruas mais animadas para residentes e turistas. Boas práticas de política em todos os continentes mostram que as autoridades podem trabalhar com os protagonistas do IFS para a criação de cidades mais habitáveis. Dando a atenção necessária aos fatores culturais locais, as cidades podem promover o setor, reduzir a pobreza e lidar com problemas de gênero e diferenças étnicas.



## Estudo de caso

### Manila, Filipinas

►►► Os vendedores de Manila foram devidamente registrados e receberam instalações adequadas para trabalho nos anos 1990 no melhor distrito comercial de Makati, com a condição de manterem certos padrões de saúde e higiene. As ONGs ofereceram crédito. As autoridades chegaram a distribuir aventais e toucas para os vendedores e providenciaram para que água potável chegasse a seus quiosques. Esses vendedores oferecem emprego aos menos favorecidos e contribuem para que a cidade mantenha um ritmo alegre. Um grande segmento da sociedade aprecia esse tipo de serviço, que agrada não só aos pobres (Tinker, 2003: 338).

## Considerações acerca de investimentos e envolvimento de ONGs

As ONGs e agências locais, nacionais e internacionais são ativas em muitos aspectos do IFS. Talvez a mais conhecida ONG nacional seja a Self-Employed Women's Association of Ahmedabad, (Associação de Mulheres Autônomas de Ahmedabad - [www.sewa.org](http://www.sewa.org)), na Índia. Com mais de 200 000 membros só em Gujarat, essa associação teve um papel importante influenciando as autoridades legislativas e judiciárias em âmbito estadual e nacional a favor dos vendedores de rua.

Tabela 5 ~ Iniciativas selecionadas para apoio do setor informal de alimentos

Cidade/País	Atividade	Iniciativa	Data de início	Descrição do programa
Centro de Quito, Equador	Comida de rua (alimentos preparados antecipadamente)	Municipalidade	1999	Melhorar a qualidade dos alimentos, fornecimento de infraestrutura necessária para proteger a saúde do consumidor.
Chinautla, Guatemala	Varejistas	Municipalidade	2000	Reorganizar as vendas de rua.
Dar es Salaam, República Unida da Tanzânia	Comida de rua	Municipalidade	1995	Integrar o setor informal à infraestrutura urbana (locais apropriados para pequenos operadores).
Dacar, Senegal	Comida de rua (alimentos preparados antecipadamente)	Municipalidade e FAO		Higienizar o fornecimento de comida em Dacar, proteger o ambiente urbano e a saúde do consumidor. Melhorar a higiene dos alimentos preparados e vendidos na rua.
Freetown, Serra Leoa	Produção de comida urbana	Instituições locais informais	Janeiro 2000	Desenvolver a produção urbana de alimentos para a faixa mais pobre da população, fornecendo assistência material, tal como terra e ferramentas, treinamento e conscientização.
Cidade de Cebu, Filipinas	Comida de rua (alimentos preparados antecipadamente)	Municipalidade		Identificação dos praticantes, produtores e práticas. Promoção e educação em relação à saúde pública e ao impacto ambiental.
Gazipur, Bangladesh	Comida de rua (alimentos preparados na hora)	Municipalidade e ONG	2000	Oferecer produtos frescos de qualidade e garantir as condições de higiene.
Hanoi, Vietnã	Higiene alimentar	Municipalidade	1999	Garantir a segurança alimentar dos produtos e higiene total da produção até a venda ao consumidor.

Fonte: Argenti, François e Mouawad, 2003

## Trabalhando com vendedores informais de alimentos

Organizações locais, nacionais e internacionais começaram a trabalhar com os protagonistas do IFS. A FAO apoia países que treinam os vendedores para que eles sigam procedimentos seguros; facilita os contatos para que os vendedores tenham voz ativa na política do IFS e encoraja a organização dos mesmos (Tinker, 2003: 339). A experiência mostra que essa técnica mais cooperativa aumenta a segurança alimentar e ajuda a reduzir práticas como suborno e fraude, contribuindo assim para economizar nos custos. Esta técnica aumenta também a receita dos municípios, criando um ciclo eficaz no qual os municípios podem oferecer melhores serviços aos vendedores e aos outros cidadãos (Yasmeen, 2001a: 34). A cooperação com o setor por meio das ONGs, incluindo as associações de vendedores, tem mostrado que existem soluções para muitos dos problemas associados ao setor.



Isso teve um forte impacto sobre toda a Índia e tem sido repetido em outros lugares (Yasmeen, 2001a: 35). A Women in Informal Employment Globalizing and Organizing (Mulheres em empregos informais: Globalizando e Organizando - WIEGO, [www.wiego.org](http://www.wiego.org)) – é uma importante ONG internacional que forneceu pesquisas importantes sobre o IFS. Algumas ONGs fornecem crédito para auxiliar novos operadores do IFS com a suposição de que o micro-empendedorismo pode reduzir a pobreza. As intervenções no microcrédito tanto por organizações governamentais quanto por não governamentais aumentaram bastante nas últimas duas décadas em muitos países em desenvolvimento, como aconteceu com o Grameen Bank de Bangladesh. Geralmente eles esperam que o microcrédito e o empreendedorismo possam lutar contra a pobreza e promover igualdade de gênero exaltando as mulheres. A melhoria das condições econômicas da família faz com que as crianças frequentem a escola e nela permaneçam (Alter, Vanek e Carr, 2004).

Observa-se uma grande variedade na organização das associações de crédito – que podem ser fundadas pelo governo ou por ONGs, ou mesmo criadas por indivíduos pertencentes à classe baixa. Em programas de microcrédito semelhantes ao do Grameen Bank, os mutuários são organizados em grupos que recebem os

empréstimos e se tornam responsáveis por assegurar que os membros cumpram seus compromissos financeiros. Esse tipo de organização permite aos fornecedores de microcrédito disponibilizar treinamento em administração de negócios, higiene e outras questões importantes como requisito para recebimento de crédito. O crédito também pode ser usado como um

### Maputo, Moçambique

## Estudo de caso

Em Maputo há uma grande variedade de sistemas formais e informais que permite aos empreendedores ter acesso ao crédito. Muitos vendedores informais recorrem a instituições de crédito conhecidas como xitique. Amigos formam um grupo e estabelecem uma quantia com que cada membro contribui em espécie ou bens materiais. Eles determinam a frequência com que essa quantia será emprestada aos membros do grupo e como o empréstimo será pago. Tal sistema é baseado em confiança mútua entre amigos e geralmente distribui os empréstimos em sistema de rotatividade. Os membros geralmente usam os empréstimos para comprar gêneros alimentícios que são vendidos no mercado e, com o dinheiro, pagam imediatamente os empréstimos. Esta forma de crédito informal é, portanto, uma alternativa viável para vendedores que de outra forma não teriam acesso a crédito por serem trabalhadores informais (ILO, 2003a).





incentivo para os vendedores e outros agentes do IFS cooperarem com as autoridades municipais.

O crédito não é oferecido exclusivamente por instituições estaduais ou internacionais. Por exemplo, as associações de crédito rotativo (onde os membros se revezam tomando empréstimos e investindo o capital arrecadado) têm uma longa história na China, na Índia e por todo o mundo. Em muitos lugares, os pobres tiveram iniciativa própria para estabelecer instituições financeiras informais de crédito (ex: ILO, 2003a). A existência de tais instituições em todos os lugares demonstra que os pobres são capazes de usar o capital quando este lhes é disponibilizado, no entanto um apoio externo pode reduzir seu risco de colapso devido à negligência de algum membro. Tais iniciativas devem ser reconhecidas e facilitadas pelas organizações governamentais e internacionais.

## Associações de vendedores de mercado

**Vendedores que se estabelecem nos mercados** com frequência formam associações para lidar com os problemas enfrentados por seus membros dentro e fora dos mercados. As associações empenham-se em: resolver conflitos; apoiar a administração e a segurança do mercado; fornecer treinamento e informações sobre o mercado; além de facilitar o crédito. Elas ainda realizam atividades para melhorar a qualidade da produção e do transporte, do controle de inventário e de outras atividades relacionadas aos negócios. Muitas vezes também estão envolvidas em atividades sociais, religiosas e para o bem-estar geral, o que os torna parceiros importantes no desenvolvimento e na implementação de políticas, assim como na administração de mercado (Shepherd, 2005).

## Criando associações de vendedores de rua

**Apesar de vendedores de rua e ambulantes** usualmente serem vistos como um problema, há exemplos bem-sucedidos de lugares onde eles formaram sindicatos e associações para promover seus interesses coletivos. Um bom exemplo é a Cebu City United Vendors Association (Associação de Vendedores da Cidade de Cebu), nas Filipinas, fundada em 1984 para reunir 63 associações membro representando mais de 7 000 membros. A maior parte das associações de vendedores está no setor de alimentos, incluindo as associações regionais de vendedores de calçada e as associações baseadas no tipo de produção e religião. A Associação iniciou um diálogo com a cidade em favor de seus membros e tornou-se um importante intermediário a nível local e nacional. Dentre outras questões, ela negocia com a cidade sobre o direito legal do uso das calçadas - pelas quais os vendedores pagam uma taxa diária (Yasmeen, 2001a: 36-37).

## Estudo de caso

Kumasi, Gana

▶▶▶ Em Gana, as políticas de ajuste estrutural levaram a taxas mais altas, novos impostos e a um declínio nas instalações de mercado uma vez que os funcionários estaduais responsáveis por administrar a drenagem de água e o recolhimento de lixo foram demitidos. A General Trades Association (Associação Geral do Comércio), em Kumasi, composta principalmente por mulheres do mercado de Asante, lançou campanhas – incluindo exercício de lobby nos governos local e central, financiou políticos simpatizantes e organizou petições e demonstrações em massa. Como resultado, o governo local renovou o mercado, implementando melhorias em suas instalações e ofereceu novos serviços tais como creches e uma clínica médica (Awuah, 1997).





As dificuldades encontradas nos municípios do sul são com frequência recorrentes; por isso, é importante que esses municípios promovam uma cooperação mútua e compartilhem seus conhecimentos, experiências e respectivas soluções. Esse tipo de cooperação entre municípios do sul é na verdade bastante promissora, uma vez que situações sócio-econômicas semelhantes reforçam a possibilidade de trocar e adaptar idéias e *know-how*.

# Mudando mentalidades para seguir em diante: *política de apoio*

A literatura disponível e os participantes da conferência virtual da FAO/Universidade de Bolonha 2006 concluíram que há uma necessidade urgente de políticas de apoio e intervenções que unam as atividades do setor informal aos esforços para mitigar a pobreza, incluindo melhorias na segurança alimentar. De acordo com os contextos social e cultural locais, as autoridades locais e nacionais devem implementar regras (que geralmente já existem) que facilitem o acesso ao IFS e a adoção de técnicas produtivas práticas mais seguras, fazendo assim com que o setor se padronize. Isso normalmente requer auxílio de agências externas. Um programa de educação também deve ser elaborado para apoiar esforços que facilitem os projetos do IFS e/ou as atividades de pequenos empreendedores. Isso irá melhorar o funcionamento do mercado de produtos alimentícios e colocará as questões de segurança alimentar em foco. Diferentes papéis precisam ser atribuídos às instituições locais, nacionais e internacionais para que se adotem as melhores medidas de apoio (Argenti, François e Mouawad, 2003). Nos casos em que certos grupos – incluindo os grupos étnicos – dominam os mercados, o estado pode apoiar novas organizações e encorajar o estabelecimento de federações. A cidade de Cebu, nas Filipinas, é um exemplo notável de uma cidade que teve sucesso com esse método. Pesquisas mostram que é possível as autoridades serem bem-sucedidas ao lidar com o setor.



Por fim, o IFS está presente em todos os países do mundo. Provou sua tenacidade através do contínuo florescimento, mesmo quando de forma ilegal ou oprimido pelo estado. O setor continua oferecendo autonomia e renda a uma grande variedade de pessoas e famílias em períodos de urbanização e industrialização, bem como nas crises e conjunturas econômicas desfavoráveis. Portanto, é pouco provável que desapareça. A conveniência de comprar alimentos de vendedores informais também é apreciada por muitos consumidores, incluindo os pobres das áreas urbanas, empregados de escritório e turistas. O setor promete contribuir para a redução da pobreza e a criação de cidades mais seguras e vivas em todo o mundo em conformidade com o modo em que as políticas forem elaboradas e implementadas nos vários contextos sociais e culturais.

As autoridades – particularmente as locais – devem considerar os agentes informais como parceiros nas iniciativas de desenvolvimento local. Elas devem implementar políticas e programas destinados à criação de condições adequadas para que as atividades do setor informal sejam empreendidas de maneira eficiente, e simultaneamente minimizados os riscos para a sociedade.





## REFERÊNCIAS

- Aliaga Linares, L.** 2006. *Feeding the poor? Spatial patterns and neighbourhood demographics in Metropolitan Santiago Informal Food System*. Population Research Center University of Texas, Austin (Disponível em [www.paa2006.princeton.edu/download.aspx?submissionId=61650](http://www.paa2006.princeton.edu/download.aspx?submissionId=61650)).
- Allen, A.** 2003. Environmental planning and management of the peri-urban interface: perspectives on an emerging field. *Environment & Urbanization*, 15 (1): 135-147.
- Alter, C.M., Vanek, J. & Carr, M.** 2004. *Mainstreaming informal employment and gender in poverty reduction: a handbook for policy-makers and other stakeholders*. IDRC, Ottawa, Canadá.
- Aragrande, M. & Argenti, O.** 2001. *Studying food supply and distribution systems to cities in developing countries and countries in transition*. "Food into Cities" Collection, DT/36-01E. FAO, Roma (Disponível em <http://www.fao.org/docrep/003/X6996E/x6996e00.HTM>).
- Argenti, O.** 1999a. *Food into cities: selected papers*. AGS Bulletin 132. "Food into cities" Collection. FAO, Roma.
- Argenti, O.** 1999b. *Urban food security and marketing: a challenge to city and local authorities*. "Food into cities" Collection, DT/40-99E. FAO, Roma.
- Argenti, O.** 2000. *Food for the cities: food supply and distribution policies to reduce urban food insecurity*. "Food into cities" Collection, DT/43-00E. FAO, Roma.
- Argenti, O., François, S. & Mouawad, H.** 2003. *The informal food sector: municipal policies for operators*. "Food into cities" Collection, DT/43-99E. FAO, Roma.
- Awuah, E.** 1997. Mobilizing for change: a case study of market trader activism in Ghana. *Canadian Journal of African Studies*, 31 (3): 401-423.
- Binns, T. & Lynch K.** 1998. Feeding Africa's growing cities into the 21st century: the potential of urban agriculture. *Journal of International Development*, 10: 777-793.
- Bouta, T., Frerks, G. & Bannon, I.** 2005. *Gender, conflict and development*. Washington DC, USA, World Bank.
- Bromley, R.** 2000. Street vending and public policy: a global review. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 20 (1/2): 1-29.
- Charmes, J.** 2000. Informal sector, poverty and gender: a review of empirical evidence. Background paper for the *World Development Report 2001*. (Disponível em [www.wiego.org/papers/charmes3.doc](http://www.wiego.org/papers/charmes3.doc)).
- Cruz, M. & Medina, R.** 2003. *Agriculture in the city: a key to sustainability in La Havana, Cuba*. IDRC, Ottawa, Canadá.



- Dardano, M.** 2003. *Caribbean regional working groups on street food vendors*. Report of FAO, PAHO and BNSI. FAO, Roma (Disponível em <http://www.fao.org/docrep/008/ae973s/ae973s00.htm>).
- De Lardemelle, L.** 1995. *Approvisionnement et distribution alimentaires d'Accra: pré-étude de cas*. Collection « Aliments dans les villes », EC/01-95F. FAO, Roma.
- De Soto, H.** 1989. *The other path: the invisible revolution in the third sector*. Nova Iorque, EUA, Harper and Row.
- Devautour, K.** 1997. *Logiques sociales et pratiques informelles et leurs implications pour les programmes d'appui aux SADA des villes d'Afrique Francophone: le cas de la Mauritanie*. Collection « Aliments dans les villes », EC/23-97F. FAO, Roma.
- Egounlety, M.** 1997. *Contribution de l'artisanat à l'approvisionnement alimentaire des villes en Afrique*. Collection « Aliments dans les villes », DT/17-97F. FAO, Roma.
- FAO.** 1995. *Mirando hacia Beijing 95. Mujeres rurales en América Latina y el Caribe - situación, perspectivas, propuestas*. Roma. (Disponível em [www.fao.org/docrep/xo248s/xo248s00.htm](http://www.fao.org/docrep/xo248s/xo248s00.htm)).
- FAO.** 1996. *Estrategias para el mejoramiento de la calidad de los alimentos callejeros en América Latina y el Caribe*. Alimentos de Ventas Callejeras. Roma. (Disponível em [www.fao.org/documents/show\\_cdr.asp?url\\_file=/DOCREP/W3699T/w3699t00.htm](http://www.fao.org/documents/show_cdr.asp?url_file=/DOCREP/W3699T/w3699t00.htm)).
- FAO.** 1997. *Report of an FAO technical meeting on street foods*. Roma. (Disponível em [www.fao.org/documents/show\\_cdr.asp?url\\_file=/DOCREP/W4128T/w4128t14.htm](http://www.fao.org/documents/show_cdr.asp?url_file=/DOCREP/W4128T/w4128t14.htm)).
- FAO.** 1998. *Requisitos generales (higiene de los alimentos). Suplemento al Volumen 1B*. Programa Conjunto.
- FAO.** 1999. *The challenge of urban food distribution and production*. 101st Inter-parliamentary Conference. Bruxelas, Bélgica, 12-16 abril.
- FAO.** 2004a. *La mujer en la agricultura, medio ambiente y la producción rural*. Gender and Development Service. Roma. (Disponível em <ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/007/ad932s/ad932s00.pdf>).
- FAO.** 2004b. *The family nutrition guide*, by A. Burgess, A. & P. Glasauer Rome.
- FAO.** 2005b. *The state of food and agriculture. Agricultural trade and poverty: can trade work for the poor?* Roma. (Disponível em [www.fao.org/docrep/008/a0050e/a0050e00.htm](http://www.fao.org/docrep/008/a0050e/a0050e00.htm)).
- FAO & WHO.** 1998. *Normas alimentarias*. Comisión del Codex Alimentarius. Roma. (Disponível em [www.fao.org/docrep/W6419S/W6419S00.htm](http://www.fao.org/docrep/W6419S/W6419S00.htm)).
- FAO & WHO.** 2004. *Hazard characterization for pathogens in food and water: guidelines*. Microbiological Risk Assessment Series 3. Roma. (Disponível em [www.fao.org/docrep/006/y4666e/y4666e00.htm](http://www.fao.org/docrep/006/y4666e/y4666e00.htm)).
- Hansen, K & Vaa, M.** 2004. *Reconsidering informality: perspectives from urban Africa*. Uppsala, Suécia, Nordiska Afrikainstitutet.
- Harding, P. & Jenkins, R.** 1989. *The myth of the hidden economy: towards a new understanding of informal economic activity*. Filadélfia, EUA, Open University Press.
- Hart, K.** 1973. Informal income opportunities and urban employment in Ghana. *Journal of Modern African Studies*, 11 (1): 61-89.
- Hugon, Ph. & Kervarec, F.** 2001. *Municipal support policies for the informal food trade*. "Food into Cities" Collection, DT/45-01E. FAO, Roma.
- IDRC.** 2002. *Informal sector street foods (Pune, India)*. Ottawa, Canadá.
- IDRC.** 2005. *Agropolis: the social, political and environmental dimensions of urban agriculture*, by L.J.A. Mougeot. Ottawa, Canadá.
- ILO.** 1972. *Employment, incomes and equality: a strategy for increasing productive employment in Kenya*. Genebra, Suíça, ILO.
- ILO.** 1997. *Urban informal sector in metro Manila: a problem or solution?*, by G. Joshi. Genebra, Suíça.
- ILO.** 2002a. *Le secteur informel en Afrique subsaharienne francophone: vers la promotion d'un travail décent*, by S. Kanté. Genebra, Suíça.
- ILO.** 2002b. *Women and men in the informal sector*. Genebra, Suíça.
- ILO.** 2003a. A organização dos trabalhadores do sector informal dos mercados de Maputo e sua acção na promoção de melhores condições de vida e de trabalho, by T. Cruz & Silva. *O papel da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal – ASSOTSI*, ILO, Genebra, Suíça. (Disponível em [www.ilo.org/inclusao-palop/pages/PALOP/download/ASSOTSI.pdf](http://www.ilo.org/inclusao-palop/pages/PALOP/download/ASSOTSI.pdf)).
- ILO.** 2003b. Facts on children working in the streets. *International Programme on the Elimination of Child Labour (IPEC)*. Genebra, Suíça.
- ILO.** 2004. *Child labour and the urban informal sector in Uganda*. Genebra, Suíça, ILO (Disponível em [www.ilo.org/iloroot/docstore/ipec/prod/eng/2004\\_ug\\_urban\\_en.pdf](http://www.ilo.org/iloroot/docstore/ipec/prod/eng/2004_ug_urban_en.pdf)).



- ILO.** 2005. *Le point sur le travail des enfants*, Genebra, Suíça. (Disponível em [www.ilo.org/public/french/bureau/inf/download/child/childday04.pdf](http://www.ilo.org/public/french/bureau/inf/download/child/childday04.pdf)).
- Lloyd-Evans, S. & Potter, B.R.** 2002. *Gender, ethnicity and the informal sector in Trinidad*. Ashgate, Burlington, VT, EUA.
- Lugalla, J.** 1997. Development, change and poverty in the informal sector during the era of structural adjustment in United Republic of Tanzania. *Canadian Journal of African Studies*, 31 (3): 424-451.
- Macchi, G.** 2006. *Informal food sector in developing countries and in transition countries*. Universidade de Bolonha/FAO conferência virtual, 15 maio - 2 junho 2006. (documento não publicado).
- McGee, T.G.** 1973. *Hawkers in Hong Kong*. Hong Kong, Centre for Asian Studies, Universidade de Hong Kong.
- Nirathron, N.** 2005. The business of food street vendors in Bangkok: an analysis of economic performance and success. *Canadian Journal of Development Studies*, 26 (3): 429-441.
- Natural Resources Institute (NRI).** 2004. *Improving food safety of informally vended foods in Southern Africa* (Disponível em [www.nri.org/streetfoods/project3.htm](http://www.nri.org/streetfoods/project3.htm)).
- Roubaud, F.** 1994. *L'économie informelle au Mexique. De la sphère domestique à la dynamique macro-économique*. Paris, França, Karthala-Orstrom.
- Santos, M.** 1977. Spatial dialectics: the two circuits of urban economy in underdeveloped countries. *Antipode* 9 (3), 49-60.
- Scott, A. M.** 1994. *Divisions and solidarities: gender, class and employment in Latin America*. Londres, Inglaterra, Routledge.
- Shepherd, A.** 2005. *Associations of market traders: their roles and potential for further development*. AGSF Occasional Paper 7. FAO, Roma.
- Simon, S.** 2003. *Sweet and sour: life worlds of Taipei women entrepreneurs*. Lanham, Maryland, EUA, Rowman & Littlefield.
- Simon, S.** 2004. Learning and narratives of identity: aboriginal entrepreneurs in Taiwan. *Taiwan Journal of Anthropology* 2 (1): 93-117.
- Smart, J.** 1989. *The political economy of street hawkers in Hong Kong*. Hong Kong, Centre for Asian Studies, Universidade de Hong Kong.
- Sokoine University & FAO.** *Improving the nutritional quality of street foods to better meet the micronutrient needs of schoolchildren in urban areas*. (Disponível em [ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/009/ag430e/ag430e00.pdf](http://ftp.fao.org/docrep/fao/009/ag430e/ag430e00.pdf)).
- Tinker, I.** 1987. Street foods: testing assumptions about informal sector activity by women and men. *Current Sociology*, 35 (3): i-110.
- Tinker, I.** 1994. The urban street food trade: regional variations of women's involvement. In Chow E. Ngaling and B. White, eds. *Women, the family and policy: a global perspective*. E. Suny Press, Albany. pp. 163-187.
- Tinker, I.** 1997. *Street foods: urban food and employment in developing countries*. Nova Iorque, EUA, Oxford University Press.
- Tinker, I.** 2003. Street foods: traditional microenterprise in a modernizing world. *International Journal of Politics, Culture and Society*, 16 (3): 331-349.
- UN.** 2004. *World Urbanization Prospects: The 2003 Revision*. (Disponível em <http://esa.un.org/unpp/>).
- UNDP.** 1996. *Urban agriculture: food, jobs and sustainable cities*. Publication for Habitat II, Volume One. Nova Iorque, EUA, United Nations Development Programme.
- Varcin, R.** 2000. Competition in the informal sector of the economy: the case of market traders in Turkey. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 20 (3/4): 5-33.
- WHO Regional Office for the Western Pacific.** 2001. *Food safety*. Brunei Darussalam. (Disponível em [www.wpro.who.int/NR/rdonlyres/A3847CDE-D3D1-46F0-8934-6AAA547A92B/0/RC5206.pdf](http://www.wpro.who.int/NR/rdonlyres/A3847CDE-D3D1-46F0-8934-6AAA547A92B/0/RC5206.pdf)).
- Wilhelm, L.** 1997. Transport and inter-market supplies in African cities. Communication delivered to the sub-regional FAO-ISRA Seminar "Food Supply and Distribution in Francophone African Towns", Dacar, 14-17 abril. "Food into cities" Collection, DT/1997E. FAO, Roma.
- Yasmeen, G.** 2001a. *Workers in the urban informal food sector: innovative organizing strategies*. FAO, Roma. (Disponível em <ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/004/y1931m/y1931m04.pdf>).
- Yasmeen, G.** 2001b. *Feeding Asian Cities: proceedings of the regional seminar*. "Food into cities" Collection, FAO, Roma.
- Ypeij, A.** 2000. *Producing against poverty: female and male micro-entrepreneurs in Lima, Peru*. Amsterdão, Países Baixos, Amsterdam University Press.

# Lista de tabelas, figuras e mapas

## Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Emprego informal entre a população ativa total das cidades selecionadas	3
<b>Tabela 2.</b> Importância da comida de rua nas cidades selecionadas	8
<b>Tabela 3.</b> Contribuição da produção agrícola urbana para o emprego, a renda e a economia com gastos em alimentos em áreas urbanas de cidades e países selecionados nos anos 1990	12
<b>Tabela 4.</b> Estimativa de aumento do tráfego em 2012 devido ao transporte de alimentos nas cidades selecionadas	14
<b>Tabela 5.</b> Iniciativas selecionadas para apoio do setor informal de alimentos	24

## Figuras

<b>Figura 1.</b> Tendências de urbanização por região	4
<b>Figura 2.</b> Importância do setor informal no fornecimento e na distribuição urbana de alimentos em períodos de crise e de desenvolvimento econômico	5
<b>Figura 3.</b> Principal tipo de trabalho executado por crianças com idade compreendida entre 5 e 7 anos, Uganda	18

## Mapa

<b>Mapa 1.</b> Localização dos mercados de rua em Santiago do Chile, Chile	11
--	----

# Siglas

<b>FAO</b>	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
<b>IDRC</b>	Centro Internacional de Pesquisas para o Desenvolvimento
<b>IFS</b>	Setor Informal de Alimentos
<b>NRI</b>	Instituto dos Recursos Naturais
<b>OIT (ILO)</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PEA</b>	População Economicamente Ativa
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PNUD</b>	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
<b>UN HABITAT</b>	Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos
<b>WIEGO</b>	Mulheres em Empregos Informais: Globalizando e Organizando

## Legendas de fotos

- página iii: **Etiópia**, Addis Abeba: varrendo o mercado varejista
- página 1: **Vietnã**, Hanói: venda de frutas e verduras na rua
- página 2: **Cabo Verde**, Praia: mulheres vendendo verduras
- página 3: **Paquistão**, Lahore: mercado municipal de frutas e verduras
- página 3: **Tailândia**, Bangkok: vendedora de comida de rua
- página 4: **Paquistão**, Lahore: mercado de frutas e verduras
- página 5: **Paquistão**, Área Norte: crianças vendendo sacolas em um mercado de rua
- página 5: **México**, Cidade do México: Polícia municipal atacando vendedores de rua informais
- página 6: **Filipinas**, Manila: mulher vendendo peixe
- página 7: **Paquistão**, Lahore: venda de partes de animais na rua
- página 8: **Paquistão**, Lahore: Transporte de carne do abatedouro para o açougue
- página 9: **Brasil**, São Paulo: descarregando caixas de madeiras em mercado de verduras
- página 10: **Vietnã**, Hanói: venda de verduras e frutas na rua
- página 11: **Paquistão**, Islamabad: vendedor de temperos
- página 12: **República Árabe da Síria**, Damasco: agricultura urbana
- página 13: **Filipinas**, Manila: vendedor de comida de rua
- página 14: **Paquistão**, Lahore: transporte manual de alimentos em mercado varejista
- página 15: **Paquistão**, Islamabad: transporte tradicional no mercado
- página 16: **Etiópia**, Addis Abeba: vendedor de verduras de rua
- página 17: **Paquistão**, Lahore: abatedouro de frangos e mercado
- página 17: **Paquistão**, Área Norte: crianças vendendo carne
- página 18: **Paquistão**, Islamabad: menino vendendo frutas e verduras em mercado varejista
- página 19: **Paquistão**, Lahore: mercado varejista
- página 20: **Paquistão**, Lahore: mulher vendendo cebolas
- página 20: **Paquistão**, Lahore: criança procurando comida no lixo do mercado
- página 21: **Líbano**, Beirute: vendedor de fruta de rua
- página 22: **Paquistão**, Lahore: mercado varejista
- página 24: **Etiópia**, Addis Abeba: varejista contando dinheiro
- página 25: **República Árabe da Síria**, Damasco: varejo de frutas
- página 26: **Etiópia**, Addis Abeba: vendedores de verduras de rua
- página 27: **Geórgia**, Tbilisi: varejista no mercado central
- página 28: **Paquistão**, Lahore: vendedor de sacos de papel a varejo
- página 29: **México**, Cidade do México: mercado Tianguis
- página 30: **Paquistão**, Lahore: mercado de verduras

*Para informações, entrar em contato com:*

**Rural Infrastructure and Agro-Industries Division**  
**Food and Agriculture Organization of the United Nations**  
Viale delle Terme di Caracalla - 00153 Roma, Itália

Telefone: +39 06 5705 5119

Fax: +39 06 5705 6850

E-mail: [olivio.argenti@fao.org](mailto:olivio.argenti@fao.org)